

O "ENCANTAMENTO" DE GILBERTO FREYRE

Samuel Benchimol

Os sábios e mestres como Gilberto Freyre não desaparecem, nem morrem jamais. Simplesmente deixam a sua presença física e "encantam-se". Como no mundo das fadas e fantasias.

É que, para quem tanto estudou, ensinou, escreveu e revelou ao Brasil e ao mundo a sua identidade, o seu passado, o seu perfil de povo de muitos povos, de cultura tropical e meio-tropical, sem jamais menosprezar a honra de uma herança geoequatorial, o deixar de existir, material e fisicamente, se esvai com a dor da perda ao longo do tempo. No entanto, na medida que a hora se passa e os seus amigos, discípulos e admiradores se refazem dos rituais mágicos da morte, sobressai, por inteiro, o vulto, a memória e a lembrança imortal daquele que, em vida, foi um exemplo de saber, de talento, de originalidade e paciente pesquisa.

De fato, nesta hora em que a nação brasileira atravessa tantos transtornos: econômicos, sociais e políticos, o trauma cultural do "encantamento" de Gilberto Freyre é maior e mais amplo. Parece, a princípio, que todos nós brasileiros, especialmente nordestinos e amazônidas, ficamos órfãos, porque mestre Gilberto, do ponto de vista cultural, era o nosso símbolo e padrão da inteligência, do vigor, da paciência e da coragem nortista. Esta sensação de perda, no entanto, se esvai para ancorar-se na figura do grande mestre de *Casa-Grande & Senzala*, *Sobrados e Mucambos*, para citar apenas dois entre centenas de livros e brochuras que ele escreveu.

A sua vasta bibliografia reflete a sua grande vivência e sabedoria a respeito do Brasil tropical amazônico, nordestino e também sulista, onde uma pinta

de borealismo, como ele se referia, nas suas palestras e seminários, dava uma pitada de cor e sabor de um tempo "meio frio" para uma cultura tropical "mais quente", mais doce, híbrida, menos agressiva, porém não menos inteligente, corajosa e inovadora.

O tropicalismo de Gilberto Freyre, a rigor o seu lusotropicalismo, como ele gostava de se referir em suas palestras e conferências, não era um tropicalismo geográfico ou racista. Antes era um modo de ser, localizado no espaço mais ou menos quente da nossa terra, e que por motivos histórico-culturais havia recebido a contribuição cultural dos povos ibéricos, castelhanos e portugueses, meios-europeus e meios-africanos, mais mediterrâneos que os europeus propriamente ditos, mais chegados aos anglo-saxões, escandinavos e eslavos, que europeicamente pertenciam mais ao borealismo cultural dos povos mais "duros" chegados ao norte e mais distantes dos círculos tropicais quentes e meio quentes.

Também, é justa ressaltar o luso ou ibero-tropicalismo de Gilberto Freyre, não era uma construção ou modelo sociológico-cultural determinista do ponto de vista geográfico. O ser é tropical não por ter nascido perto do equador geográfico ou térmico, mas por ter absorvido culturas "doces", híbridas, adaptáveis, amenas no trato, cordiais na convivência, democráticas no relacionamento sexual e ecológicas no saber aproveitar os valores e materiais locais para viver, habitar, fazer amor, criar filhos, trabalhar e inventar.

Esta foi a grande lição tropicalista que Gilberto nos deixou, como resultado de seus profundos estudos e observações sobre a sociedade rural e urbana do Brasil nordestino e nortista nos tempos coloniais.

A partir de *Casa-Grande & Senzala* que relata tão bem a sociedade rural luso-brasileira-tropical e depois de *Sobrados e Mucambos*, onde podemos melhor compreender a dicotomia e a decadência urbana das classes sociais resultantes da diáspora e êxodo rural. A imagem européia dos trópicos, onde tudo era permitido, isto é, um trópico imoral, perdido e sem possibilidade de salvação. Um trópico condenado eternamente ao pecado, à pobreza, à promiscuidade e à pesquisa; estes conceitos europeus populares e até propalados por alguns eruditos borealistas começaram a ceder passo para entender que o mundo tropical "que o português criou" era um mundo diferente do boreal, porém não antagônico nem antípoda, em termos de valores morais, materiais e culturais. Era um mundo peculiar de ser, de existir, e conviver e criar, e que poderia ser tão criativo e desenvolvido como qualquer país do mundo boreal. Gilberto muito contribuiu para destruir tanto as teorias racistas e arianistas de Lapouge e Gobineau, como dos deterministas geográficos e climáticos de Razzel, e dos geopolíticos nazistas de Haushofer.

Deste modo, o tropicalismo terceiro-mundista foi um movimento cultural de reabilitação do homem, biológico e culturalmente, nascido nos trópicos, e o seu modo de ser aberto ao convívio e à assimilação e aculturação de outros valores. É bem verdade que muitos desses valores boreais industriais assimilados, como a destruição da natureza e dos ecossistemas, são hoje condenados, na medida em que esse mesmo mundo passou a dar valor e reconhecer sabedorias em alguns modos dos chamados povos primitivos tropicais e semitropicais. De outro lado no tempo, o mundo tropical, através do processo de difusão cultural,

passou a se valer também da ciência e da técnica extratropical para com elas melhorar a qualidade da sua própria vida.

É bom também não esquecer que muito se tem falado da influência europeia-boreal sobre os povos conquistados das zonas tropicais e intertropicais onde se desenvolveu o colonialismo, a partir das "descobertas" geográficas do século XV. Gilberto, neste particular, foi o pioneiro no descobrir e divulgar ao Brasil e ao mundo o lado bom e o lado mau do colonialismo, como o extermínio de muitos valores e vidas tropicais, mas também deve-se ressaltar a sua enorme contribuição em afirmar que o trópico-úmido e semi-árido, quente e meio-quente-e-seco oferecem ao mundo extratropical um mundo de coisas, valores materiais e ideais, artefatos, matérias-primas, fármacos, alimentos e comidas, formas e modos de ser e de vestir, menos formais e mais ecológicos, que tanto ajudaram os atuais povos borealistas, ditos "desenvolvidos", que passaram a se enriquecer e prosperar graças a contribuição dos trópicos à sua própria cultura.

A memória e a perene presença da lembrança, da sabedoria e dos ensinamentos de Gilberto Freyre não se eternizarão somente na sociedade brasileira, ao lado dos grandes mestres do passado como Euclides da Cunha e Joaquim Nabuco. Porque Gilberto foi mais além, porque além de ser um trabalhador e pesquisador original e incansável, tendo participado da vida brasileira como intelectual, pesquisador, ensaísta, político, conferencista, escritor, poeta e até mestre na arte de curtir licores de pitanga e de receitas de fazer quindins e beijões-de-moça, foi um espírito humanista, cientista eclético, generoso e afável. E mais ainda: criou um estilo literário próprio, ao mesmo tempo coloquial e erudito, que não tinha pejo de buscar o popular, o quotidiano, a notícia de jornal, o cartão postal, o anúncio de escravos, as velhas fotografias e álbuns de família, para com esse material "alternativo" criar uma maneira especial e original de expor, de escrever e contar. Diria, até, que foi o criador de um estilo tropical de ciência e cultural, menos formal, mais doce, mais inventivo, mais imaginativo que formal e acadêmico. E, por isso, muita gente importante neste país não o perdoou durante a vida, porque associava a ciência à erudição, o estilo ao arcaísmo e à pureza lingüística. O português tropical que Gilberto criou ficará para sempre incorporado ao falar, ao linguajar e ao escrever do povo brasileiro.

Se tudo isso não bastasse para assimilar a presença da ausência de Gilberto, na sua vida de "encantamento" que passou a assumir após o seu passamento, creio que não poderemos deixar de registrar que Gilberto, além de seu interesse na atividade intelectual, vivendo dela e para ela, dedicou grande parte de sua vida à divulgação, participação na vida cultural brasileira, através de sua contínua presença e contribuição como palestrante, conferencista e debatedor. Neste particular ele se "encantou", tendo a suprema glória de haver perpetuado o acervo cultural do passado nordestino, nortista e, por que não dizer, brasileiro em geral, através dos institutos e museus que criou. A Fundação Joaquim Nabuco, um Instituto de renome nacional e internacional, que tanto tem contribuído através de seminários e congressos para o estudo do tropicalismo e de quase todos os grandes problemas brasileiros; o Museu do Homem do Nordeste e do Norte, que revolucionou a museologia brasileira pelo caráter vivo e dinâmico de suas exposições; e a recente Fundação Gilberto Freyre, criada poucos meses antes de

sua morte, para zelar pelo acervo cultural do Solar de Apipucos, onde viveu com sua esposa D. Madalena, seu filho e continuador Fernando e sua filha, durante quase toda a sua vida.

Agora que Gilberto Freyre passou ao mundo dos "encantados", o seu "encantamento" começa a trabalhar e a sobreviver na mente de todos nós brasileiros, nordestinos, nortistas, meio-nortistas, sulistas e meio-sulistas, para despertar, através de seus livros, de sua palavra, de sua saudosa presença, dos seus ensinamentos e do seu exemplo, como brasileiro e nordestino que ajudou a reabilitar a imagem do país tropical e a revelar a todos nós e ao mundo o passado, a intimidade, o segredo, o gostoso, o escondido, a sabedoria, a paciência, a coragem, o talento e a inteligência do homem tropical que o Brasil criou, como exemplo para o bem-estar de todos os homens.